

EMANCIPACIONISMO E ABOLICIONISMO NOS IMPRESSOS
REPUBLICANOS EM PERNAMBUCO ENTRE 1850 À 1870¹

Emanoel da Cunha Germano*

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Social da UFF.

emanoelcunha@id.uff.br

Resumo:

Trata-se de uma pesquisa de mestrado, o foco centra-se sobre a formação de uma cultura política desenvolvida por republicanos históricos na imprensa e em movimentos sociais diversos em Pernambuco. O marco temporal se dá entre o contexto do movimento pós-praieira, até meados do último quartel da segunda metade do século XIX, quando a campanha abolicionista no Brasil ganha força. Com isso, utilizamos como fontes principais impressos oitocentistas do período – efêmeros e de longa duração – como bibliografia secundária sobre tema e fizemos uma apreciação dos discursos e trajetória de jornalistas republicanos que tematizaram a emancipação e o abolicionismo na província entre 1850 a 1870 em seus impressos.

Palavras-chave: impressos republicanos; emancipação e abolicionismo; Pernambuco oitocentista.

De acordo com estudo da imprensa pernambucana de Luiz do Nascimento entre as décadas de 1850 à 1870 circularam na cidade do Recife cerca de quarenta e um impressos republicanos.² Nesse contexto os periódicos trouxeram uma peculiaridade bastante importante para a época, seus títulos carregavam os posicionamentos políticos que defendiam. Entretanto, por mais que conteúdo voltasse sua atenção para questões políticas, não lhes escaparam a mobilização de impressos de caráter jocosos-sérios, cunho religioso e artístico, assim como, retrataram os assuntos do dia-a-dia dessa cidade

¹* Mestrando do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense. Sob a orientação de Hebe Maria da Costa Mattos Gomes de Castro.

Este artigo faz parte das reflexões desenvolvidas no projeto de mestrado do Programa de Pós-Graduação em História Social da UFF.

² NASCIMENTO, Luiz do. *História da imprensa em Pernambuco (1821-1954)*. Universidade Federal de Pernambuco: Imprensa Universitária, 1966. A pesquisa se valeu especificamente dos vol. 5-6.

escravista que se transformava junto com ampliação da esfera pública.³

A participação dos discursos dos jornais no mundo da política com uma sociedade baseada em princípios monárquicos ganha força com a emergência de dois fenômenos que colaboraram para esse processo da expansão da esfera pública. A primeira delas é do papel que coube às manifestações públicas nas ruas, e a segunda é a emergência de impressos republicanos que passaram a reivindicar em suas folhas os anseios que a população livre e pobre vivenciava nesta época.

Na província de Pernambuco, entre as décadas de 1850 a 1870 conviveu-se com uma acirrada disputa entre os partidos políticos imperiais, destaque-se o partido liberal, que se estabeleceu como um guardião do novo partido do Império.⁴ Neste cenário, entra em cena um dos temas mais explorado pela opinião pública, que foi a configuração do partido da Liga Progressista, um terceiro partido que desempenharia o papel da oposição radical referente à articulação de alguns grupos políticos conservadores. Na cruzada dessas oposições, os republicanos históricos não estiveram à margem, combateram o regime governo monárquico em detrimento de propostas políticas bastante progressistas para a época, inclusive com propostas antiescravista.

A imprensa republicana pernambucana como objeto histórico tem sua importância naquilo que se apresenta como proposta de projeto político, pois seu agenciamento faz parte de um conjunto de múltiplos interesses presentes no discurso dos seus signatários no decorrer do processo na construção do movimento republicano na província pernambucana. Com isso, acredita-se que a visão regionalizada, nesse caso, apresenta sua riqueza, afinal, ela amplia o horizonte de expectativas que estes homens compartilharam durante uma geração, e que, pouco a pouco sofreram transformações com as mudanças políticas de impacto nacional e internacional, as quais passam a sofrer uma redefinição

³ Jurgen Habermas classifica como esfera pública o espaço do convívio comunitário, onde grupos da sociedade política e civil (cidadãos livres) se encontram para formar um público, com objetivo de debater questões do Estado, visando com isto valorizar e transformar a cultura, os esportes, a guerra e as opiniões, etc. Para esse autor a esfera pública tem suas origens e desenvolvimento na era moderna com a nascente burguesia. HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Tradução de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

⁴ Como bem observou Suzana Cavani Rosas, na província este período marcou a formação da Liga Progressista que chegou a Pernambuco em meados em 1863. Ao perfilar o desenvolvimento e princípios deste órgão, a historiadora compreende como foi acirrada a disputa política que essa região vivia. Ao acompanhar os centros difusores das ideias liberais analisa a imprensa da mesma, destacando como o discurso vai sendo modificado pelas sucessivas fases da Sociedade Liberal. Ver, CAVANI, Suzana. *Ação, Reação e Transação: a sociedade liberal pernambucana (1851-1852)*. Clio Histórica, n. 17. pp. 159-170.

de seus grupos após o advento do partido republicano no Brasil em meados de 1870.

Conforme exposto, a produção de tipógrafos e redatores na imprensa republicana, serão apresentadas no decorrer deste artigo, nela destacaremos trajetórias como a de João de Barros Falcão de Albuquerque Maranhão, Luiz Ciriaco da Silva e Romualdo Alves de Oliveira⁵, todos os três servem como uma janela de interpretação sobre o perfil desses republicanos na cidade do Recife oitocentista.

Essa geração chegou a ser designada “Quarante-Huitarde” pelo historiador Vamireh Chacon e Amaro Quintas⁶, pelo fato deles participarem antes e após os eventos da revolta da Praieira (1848-1849). Ambos grupos compartilharam realidades comuns em sua militância política, estando suas trajetórias interligadas por uma rede de sociabilidade desenvolvida através do mundo da imprensa. Os princípios republicanos defendidos por esses escritores públicos eram instrumentalizados por diferentes vias da esfera pública oitocentista, pois atuavam em espaços públicos para além desse campo.

O que esse protagonismo denota é que a trajetória desses agentes, responsáveis por difundir e desenvolver estes pensamentos merecem ter uma maior atenção nas investigações históricas. Ao que tudo indica na busca documental é que pouco a historiografia remete a importância a estes nomes e grupos, nas pesquisas acadêmicas. Logo, percebe-se que esta ausência nos estudos históricos reflete uma lacuna a ser completada no que se refere aos estudos relacionados com a mobilização política de republicanos históricos na imprensa.

Analisar projetos republicanos desenvolvidos por tipógrafos e redatores no decorrer de suas trajetórias políticas confirma como este movimento republicano precedente a geração de 1870, no contexto de modernização brasileira, viam a escravidão como uma barreira política a ser enfrentada e defendida em suas bandeiras num período em que o país estava em vias do processo de consolidação do Estado Imperial.⁷

⁵ Esse grupo de indivíduos republicanos teve significativa importância com seus impressos na cidade do Recife. O primeiro foi poeta, o segundo professor e, o terceiro, variou entre diversas profissões, desde alfaiate a rábula. No decorrer do texto serão sinalizadas informações a respeito de suas trajetórias, destacando entre elas algumas de suas matérias de conteúdo republicano.

⁶ CHACON, Vamireh. **História das ideias socialistas no Brasil**. 2º Ed., Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1981.

⁷ A historiografia oitocentista à par de ampla metodologias, perspectivas, enfoques e abordagens teóricas têm se debruçado de forma tangenciada sobre o tema, vide destacar a explicação das origens, diga-se de passagem da propaganda do radicalismo a “transformação” do Clube Republicano do Rio de Janeiro, saído

A TRAJETÓRIA DE REPUBLICANOS PERNAMBUCANOS ABOLICIONISTAS NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

Ser republicano e estar engajado em diferentes espaços de militância política em uma sociedade onde a escravidão era uma realidade - anterior até mesmo a seu partido consolidar-se - foi uma tarefa bastante árdua para os militantes que viveram na segunda metade do século XIX. Intitulados como apóstolos do norte entre os seus, e ao mesmo tempo de desordeiros pela oposição, posicionaram-se radicalmente contra a cultura política do regime monárquico.

A trajetória desses indivíduos cruza-se em diversos momentos da história da imprensa nesta região, e acredita-se que podem ser reconstituídas no momento em que se encontra e interage com a do republicano Borges da Fonseca que havia publicado mais de vinte impressos durante sua carreira. Essa ligação desses republicanos entre Borges demonstra que eles compartilhavam de uma sociabilidade política bastante proximal, pois o citavam constantemente.

Borges da Fonseca, era uma lenda do velho republicanismo do tempo da regência. Esse jornalista foi perseguido por propagar ideias contrárias ao regime monárquico, sendo preso em vários momentos de sua trajetória como publicista e por atuar em manifestações públicas, advogando ideais democráticos e sociais em suas folhas. Seu reconhecimento é notável, e vinha desde os tempos da queda do imperador D. Pedro e através de sua primeira empreitada jornalística com a publicação d'*A Gazeta Paraibana*

das fileiras do Clube Radical, que teve como principal órgão de imprensa a *Opinião Liberal* (1866-1870) e depois o *Correio Nacional* (1869). Ver, *Nação e Cidadania no Império: Novos horizontes*. (Org.) CARVALHO, José Murilo de. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. Na região norte do país, a configuração política se dava numa outra conjuntura, mediante os impactos do movimento após a praieira como foi sinalizado na nota de rodapé 7. Ver também do mesmo autor, “*Repensando o Brasil do Oitocentos: cidadania, política e liberdade*”. (Org.) Carvalho, José Murilo de; Bastos, Lúcia Maria P. das Neves. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. A obra de Ricardo Sales é importante para pensarmos o passado-presente das circunstâncias históricas que os republicanos do século XX tiveram que lidar para reverter, conforme resenhou Mariana Muaze, a imagem da monarquia na “esfera mítica da história nacional”. Muaze, Mariana de Aguiar Ferreira. Almanack. Guarulhos, n.07, pp.165-168, 1º semestre de 2014. p. 165. Para aprofundamento do debate, ver SALLES, Ricardo. *Nostalgia Imperial: escravidão e formação da identidade nacional no Brasil do Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Editora Ponteio, 2013, p. 212.

(1828).⁸

Não obstante, para além de Borges existiram outros jornalistas republicanos que disseminaram o republicanismo em suas folhas na província de Pernambuco antes mesmo da existência do partido em 1870. Pelo que pudemos constatar, esses homens viveram experiências semelhantes à deste republicano, uma vez foram presos em sua militância aos princípios que advogavam, outras vezes, seus periódicos eram empastelados, enfim, sofreram reveses políticos dos opositoristas monárquicos, tais como do famoso redator *O Republico*.⁹

Neste contexto, temos o publicista e poeta João de Barros Falcão de Albuquerque Maranhão, descendente de uma família das mais nobres da província pernambucana, formado em 1837 em Ciências Sociais e Jurídicas pela Faculdade de Direito de Olinda. Em tempos de estudante, publicou *O Democrata Pernambucano*, órgão político que foi noticiado no dia 11 de novembro de 1833 em “prospecto” no jornal mais antigo da capital, no *Diário de Pernambuco*. Nesse artigo, apontava os fins para ao qual se propunha advogar: A defesa de um Brasil federado, a reforma da Constituição, a observância de velar pela Constituição do Estado e execução das Leis. Interessa o teor que esta publicação causou, pois o período era de intensas reformas e com elas várias rebeliões espalhados pelo Brasil, como bem notou o filho do respeitado Senador Nabuco de Araújo

⁸ FONSECA, Silvia C. P. Brito. *O ideário republicano de Antonio Borges da Fonseca*. In: Segundo Simpósio do Núcleo de Estudos da Política: Dimensões da Política, 2011, São Paulo. XXVI Simpósio Nacional de História, 2011. Também ver: ESPINDOLA, M. L. *A Atuação do professor Borges da Fonseca no jornal Abelha Pernambucana (1829-1830)*: Intelectuais e Impressos. In: XXVIII Simpósio Nacional de História: lugar dos historiadores: velhos e novos desafios, 2015, Florianópolis. Anais eletrônicos: XXVIII Simpósio Nacional de História. Florianópolis: UFSC, 2015. v. 1. p. 1-14.

⁹ Borges da Fonseca ao decorrer de seus 64 anos de vida redigiu mais de 21 periódicos, conforme seu biógrafo Mário Santos. Porém, como redator, seu nome está presente em vários jornais republicanos. Como é sabido, era reconhecido nacionalmente em diversas partes do país, não apenas no Recife seus textos estiveram circulando, mas como outras províncias. Na pesquisa de Silvia Carla sobre esse impresso, ela em nota de rodapé 21 informa que as publicações variaram por ano entre três regiões do país, conforme registrou “*O Republico, Rio de Janeiro, 1831; O Republico, Paraíba, 1832; O Republico Extraordinário, Pernambuco, 1832* (3e também respectivamente nos dias 13, 22 e 27 de outubro); *O Republico, Rio de Janeiro, 1834; O Republico, Rio de Janeiro, 1837 (nova numeração); O Republico, Rio de Janeiro, 1853-1855 (...)*”. (FONSECA, 2011, p. 5). Para consultar a trajetória das duas primeiras fases do jornal *O Republico*, ver: Cf. SILVA, C. P. B. *Os Républicos de Antônio Borges da Fonseca: discursos inflamados e moderados sobre a política imperial (1830-1832)*. In: I Seminário Internacional 'Brasil no século XIX' da Sociedade Brasileira de Estudos do Oitocentos, 2014, Vitória - ES. Impressos, política e cultura, 2014.

“(...) a Regência foi à república de fato, a república provisória...”¹⁰ O periódico em questão só conseguiu lançar três números, todos em janeiro de 1834, conforme registrou Luiz do Nascimento.¹¹

No ano de 1835, o republicano exaltado Barros Falcão publicava *O Republicano Federativo*, impresso também de efêmera duração. Na folha, a primeira página chama atenção, por apresentar símbolos representativos estampados no frontispício, a saber, a vinheta de brasão de armas, mar e sol, águia, e acima do título, as figuras da república e justiça.¹² Formado, atuava como poeta e advogado, chegando em maio de 1848, lançar *O Grito da Pátria*, periódico republicano federativo que receberia correspondências e comunicados de forma gratuita por àqueles que compartilhassem de mesmo pensamento do seu prospecto. De tamanho 37x27, o jornal tinha quatro páginas, era confeccionada na tipografia *A Voz do Brasil*, onde cada exemplar da folha estava em torno de 80 réis, e poderia ser adquirida trimestralmente por 200\$ réis. Neste contexto, os praeiros combateram os portugueses e implantaram uma república por dois meses. Esse impresso atacava o que considerava a tirania dos reis, e também do padre Vicente Pires da Mota que ocupava a presidência de Pernambuco. Importante é destacar a situação de Borges da Fonseca que recebeu apoio e a atenção deste jornal, pois o redator foi preso durante durante dois anos pelo governo província. Matéria que chama atenção é “o projeto da Constituição da República Francesa, de Lammenais”. Infelizmente a publicação veio a ter seu fim no décimo terceiro número, em 18 de novembro do mesmo ano.¹³

Barros Falcão no período em que era estudante fez publicação de três jornais, já formado divulgaria mais três, todas elas dedicadas a propagar sua fé nos princípios republicanos federativos. Na primeira metade do século XIX, João Barros Falcão de Albuquerque Maranhão já vinha publicando como redator com Miguel Lopes do

¹⁰ Apud. SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloísa M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. p.136.

¹¹ NASCIMENTO, op. cit., p. 124.

¹² O Republicano Federativo. 21 de setembro de 1835. Esse impresso circulou no Recife, entre 1 de agosto de 1835 até 10 de março de 1836, conforme Luiz Nascimento constatou ao consultar o oitavo número. NASCIMENTO, V. 4, pp. 138-140. Sobre o significado de “Vinheta” “Ornato tipográfico, baseado em linhas geométricas, flores, folhagens, seres vivos ou coisas inanimadas, para servir de enfeite ou cercadura, em páginas de composição e trabalhos de fantasia. “Vinhetas alegóricas”. As que representam uma idéia, mediante similitudes ou símbolos, tais como a espada e a balança (a Justiça), uma roda dentada e um malho (A indústria), um velho armado de foice (o Tempo) (...)” Cf. PORTA, Frederico. *Dicionário de Artes Gráficas*. Rio de Janeiro; Porto Alegre; São Paulo: Globo, 1958, p. 412.

¹³ NASCIMENTO, op. cit. , pp. 287-289; *O Grito da Pátria*, 18 nov. 1848.

Sacramento e Jeronymo Villela Tavares no *Constitucional: jornal político e literário (1829-1830)*; No período regencial participou no corpo da redação com Padre Miguelinho e Antônio José de Miranda Falcão no Órgão da Sociedade Federal de Pernambuco, redigindo n' *O Federalista (1831-1832)*.¹⁴ Em meados de 1850 publicou: *O Apóstolo do Norte (1851)*; *O Brasileiro (1854)* e, em seguida, *O Despertador Commercial do Norte (1857)*.

Convém sinalizar que no período da regência existiram vários jornais exaltados que se propuseram a defender e apresentar princípios democráticos, desenvolvendo em suas folhas linguagens políticas intercambiantes para fazer oposição a tudo que se relacionava com o governo monárquico.¹⁵ A publicação de panfletos, considerados incendiários, também fizeram parte desse contexto político.

Os republicanos ao publicar seus impressos, visavam instruir sobre o sistema de governo federativo e inquirir sobre o absolutismo em que viviam. Estes “papeizinhos” panfletários chamam atenção por se insurgir contra a população portuguesa e seus redatores utilizarem pseudônimos, pois seus grupos não eram bem vistos pelos partidos liberais e conservadores.¹⁶

Barros Vulcão, como era apelidado pelos seus contemporâneos, por mais que fosse considerado um exaltado, não deixou de escrever matérias nos principais jornais da cidade, defendendo nelas princípios republicanos. É o que pode ser notado no jornal *O Liberal*, na edição de 22 de maio de 1862, solicitava aos “comprovincianos e comerciantes desta praça” para subscreverem seu jornal o *Apóstolo do Norte*, porque com as assinaturas coletaria fundos para “restabelecer” sua tipografia, suspensa em 1854. Ao noticiar aos leitores pernambucanos essa informação Falcão assegurava “propugnar pela regeneração dos povos contra a tirania”, tendo “por escudo o evangelho

¹⁴ É interessante destacar que Barros Falcão fazia parte do círculo de amizade de Borges da Fonseca, inclusive ambos escreveram juntos na redação d' *O Nazareno* em março de 1848, cujo artigo atacava a administração pública e a Monarquia. NASCIMENTO, 1966, p. 60.

¹⁵ BASILE, Marcelo. *Luzes a quem está nas trevas: a linguagem política radical nos primórdios do Império*. Topoi, Rio de Janeiro, set. 2001, pp. 91-130.

¹⁶ CARVALHO, José Murilo. et all. (Org.). *Introdução. Às Armas Cidadãos. Panfletos Manuscritos na Independência do Brasil (1820-1823)*. São Paulo: Cia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012, p. 7-32.

republicano”.¹⁷

Não obtendo o retorno que desejava, anunciou no *Diário de Pernambuco* na seção “Avisos diversos” que “Instado pelos meus amigos para publicar *O Apóstolo do Norte*, e não sendo já possível, porque o número dos assinantes não corresponde às despesas, sai *O Brasileiro*, em pequeno formato, a 1\$000 por série de 25 números”.¹⁸ *O Brasileiro*, seria outra empreitada jornalística, nesse período chefiou a *Tipografia Republicana Federativa Universal*, localizada na rua do Passeio Público. Este periódico foi uma tentativa malograda de divulgar matérias acerca da proposta federativa, nela o redator apresentava uma série de posicionamentos contrários à Monarquia Constitucional. Diante de tais propostas, apontava n’ *O Brasileiro* “leis sábias regularão a colonização dos estrangeiros, os quais tornar-se-ão bem quistos, e conosco tratarão, nas sociedades benfeitoras, da lenta emancipação dos cativos (...) ao passo que a escravidão só produz vícios, infâmias e misérias”.¹⁹ Partindo da visão de libertação gradual dos escravizados, Barros Falcão percebia que o governo monárquico mantinha o país atrasado em relação às repúblicas vizinhas na América, defendendo a perspectiva emancipacionista no seu jornal. Conseguiu publicar sete números, segundo nos informa os estudos de Alfredo de Carvalho e Luiz do Nascimento. Ao consultarmos no acervo do Arquivo Público Pernambucana, não conseguimos ter acesso a estas fontes primárias, mas inquirimos que não deixa de interessar o conteúdo neles impressas pelo poeta republicano.²⁰

Analisando a biografia de Barros Vulcão na consagrada obra de Sacramento Blake percebe-se como este autor reconhece este republicano como um poeta distinto, ocultando sua orientação política, diferentemente de outras biografias registradas. Interessante demarcar que Blake informa-nos que foi ele foi sócio de importantes centros de produção do saber. Sendo ele correspondente do Instituto Histórico da França, da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional, sócio da Eumênio Elladiense e da Academia de Arcades de Roma.²¹

¹⁷ O jornal tinha o formato de 48x30, com quatro paginas de quatro colunas. Circulou entre junho de 1851 a agosto de 1854. Subscrevia-se a 2\$000 por trimestre, impresso na Tipografia Imparcial, da Viúva Roma, localizada na rua da Praia n° 55.

¹⁸ *Diário de Pernambuco*, 21 de setembro de 1854.

¹⁹ *Ibidem*.

²⁰ NASCIMENTO, *op. cit.*, pp. 58-59.

²¹ Sacramento Blake ao informar que João de Barros era filho do doutor Antônio Ignácio de Barros Falcão de Albuquerque Maranhão insere no final de seu extenso nome o “de Drummond”. Ao coligirmos este

Depreende-se de sua carreira de Barros que foi a de um homem que manteve uma relação estreita com importantes instituições do conhecimento na Europa. Através desses contatos, não despendeu esforços para divulgar suas ideias republicanas e antiescravista na capital pernambucana.

A criação do Partido da Liga (progressista) seria responsável pela uma variedade de produções no campo do impresso, algumas delas marcadas pelas características dos impressos jocosos-sérios, de cunho religioso, artístico e folhas ilustrativas. O republicano Barros Falcão com a tipografia Republicana Federativa, localizada na Rua do Imperador, surpreende-nos pela quantidade de periódicos republicanos que fez sair de sua tipografia contra o partido da “Liga”, foram eles: *A Tempestade* (1858), *Dona Liga* (1863), *O Papagaio de Dona Liga* (1863), *A Estrela do Norte* (1863), *O Moyses* (1863), *O Linguarudo* (1863) e o *Kossuth: republicano federativo e universal* (1866). Sustenta Luiz do Nascimento que é de sua tipografia e redação que saíram os impressos republicanos *A Formiga* (1868)²² e *A República* (1868).²³ O último jornal publicado, pelo que nos conta é *A República* em 1868. Desse jornal, infelizmente, pelo que registrou os estudiosos da imprensa pernambucana é que apenas publicaram-se dois números. Após essa empreitada passa a chefiar tipografia Republicana, estrategicamente, nela foram publicados vários impressos críticos à monarquia.

Detenhamos atenção no periódico *O Povo* (1856-1858) um dos jornais republicanos mais baratos da província, seu redator foi o republicano negro Luiz Ciriaco da Silva.²⁴ Pouco se sabe de sua trajetória biográfica, porém ao consultarmos seu nome

último nome com a Lista Geral de Bacharéis e Doutores da Faculdade de Direito, constatamos que “de Drummond” não existe no documento, sendo assim, o nome completo é João de B. Falcão de Albuquerque Maranhão, conforme consta nas folhas periódicas por ele chefiadas e redigidas. Para mais informações, ver: (BLAKE, Sacramento. Op. cit.v. 3. p. 366). Sobre a lista dos formandos na Faculdade de Direito, consultar: HENRIQUE, Martins. *Lista Geral dos Bacharéis e Doutores que têm obtido o respectivo grau Faculdade de Direito do Recife (1828-1931)*. Tipografia Diário da Manhã, 1931, p. 91.

²² Publicado na Tipografia Republicana Federativa Universal, espaço de produção de todos os impressos acima citados. Com quatro páginas de duas colunas largas, possuía o formato 18x12, bem semelhante à tradição de panfletos políticos dos tempos da regência, não é à toa que fez um total de nove números, circulou irregularmente entre 21 de agosto a 23 de outubro de 1868, segundo informa Luiz Nascimento. NASCIMENTO, op. cit., v.5. p. 290-291.

²³ Teve apenas dois números lançados, um no dia 27 de novembro e o último em 06 de dezembro de 1868. Tinha o formato 22 x 16, com quatro páginas de duas colunas. Fazendo apologia a passagem bíblica em seu frontispício, ironizava a corte. NASCIMENTO, op. cit., v.5. p. 295

²⁴ Iniciou sua circulação em 10 de fevereiro de 1855 foi impresso inicialmente na Tipografia *O Brado do Povo* e depois para Tipografia Pernambucana, cuja mudança de nome desembocará na Tipografia do Povo Pernambucano, ambos situados na mesma rua. Seu tamanho de 22x16, possuía quatro páginas de duas

na Base de Dados da Hemeroteca Digital a profissão que exerceu, para além de ser redator o *Diário de Pernambuco* informa que Ciriaco foi professor da cadeira elementar da freguesia de São Pedro Gonçalves, bairro do Recife, o mais antigo da cidade.²⁵ Encontramos esse republicano também como membro da primeira associação antiescravista de Pernambuco, cujo nome era denominada *Associação de Socorros Mútuos e Lenta Emancipação dos Captivos*, conforme consta seu nome na lista de convocação dos sócios para reunião estampada no mesmo *Diário* em 1860.²⁶

Os artigos d’*O Povo* provocaram uma série de repercussões na cidade do Recife, chegando seu redator a ser preso por suas ideias.²⁷ Contrário ao regime monárquico, foi ferrenhamente crítico aos portugueses desta região, apelando para “A República, única tábua de salvação que nos promete a redenção brasileira”. Consciente da marginalização que vivia a classe dos profissionais liberais de sua época denunciava que a população pernambucana aspirava por melhores condições de trabalho, pois os portugueses monopolizavam o comércio a retalho e os empregos público desta província.²⁸

Pelos cálculos de um jornalista da época, segundo Paulo Calvanti, biógrafo de Eça de Queiroz, “havia na Província mais de dez mil casas de comércio a retalho em mãos de estrangeiros, sendo que, no Recife, o número ia além de quatro mil”.²⁹ As publicações deste jornal revelam um dos traços da identidade política nacional e também seja regional que aos poucos vinham sendo formuladas pelos brasileiros, em tempos em que o país estava num processo de formação do Estado Nação. Como jornal de opinião, esse impresso exemplifica como a metamorfose da imprensa periódica havia transformando-se, logo após a difusão de uma esfera pública nos acontecimentos sociais e políticos da

colunas, publicava-se duas vezes por semana. Seu preço inicialmente era de 20 réis, a subscrição podia ser adquirida na residência do redator, a 500 réis por série de 25 números.

²⁵ *Diário de Pernambuco*, 1 Set, 1851. p. 1. Por se achar doente, o jornal informa a substituição desse professor por um outro, mediante a moléstia esteve nesse período.

²⁶ *Diário de Pernambuco*, 26 de abril de 1860, p. 3.

²⁷ Consta que foi preso por destacar em suas folhas atos não agradável sobre o Padre Joaquim Belisário Luiz de Melo. Na publicação do jornal do dia 18 de julho de 1858, veio a público manifestar sobre sua pronúncia e prisão. Em 12 de setembro, celebrava agradecendo ao provimento de impetração dada pelo juiz de direito José Quintino de Leão; NASCIMENTO, Luiz. Op.cit. p. 64.

²⁸ Câmara, Bruno Augusto Dornelas. O “retalho” do comércio: a política partidária, a comunidade portuguesa e a nacionalização do comércio a retalho, Pernambuco 1830- 1870. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em História, 2012. p. 390.

²⁹ CALVACANTI, Paulo. *Eça de Queiroz, agitador no Brasil*. 1ª ed. Brasileira 311, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1959, p. 221.

capital, pois sua publicação, de certa maneira, interferia nas maneiras de conceber e praticar política.³⁰ Os assinantes do órgão nativista-republicano, assinala Nascimento³¹, vez ou outra, esqueciam-se de realizar o pagamento, levando a direção do jornal a alertá-los sempre de suas dívidas, pois sem o pagamento tornava-se difícil a sustentação do jornal.

Este jornal faz parte de uma tradição política de impressos que debatiam sobre os anseios e desejos de um movimento republicano na sociedade pernambucana, entre 1850 a 1870. É o que apresenta-nos, em artigo em 11 de janeiro de 1856, cujas matérias figurarão nomes dos líderes da Revolução Praieira.

Imortalizando algumas figuras atuantes desse movimento social, congratulando numa delas a chegada no Rio de Janeiro do “distinto patriota republicano, o nosso amigo e imortal Antônio Borges da Fonseca”.³² Não seria a única vez que o mencionaria, pois em 21 de abril do mesmo ano, noticiou que ele estava na província da Paraíba, dirigindo o periódico *O Prometeu*.³³

Ao mudar de tipografia, especificamente para a Tipografia Federativa Universal, em agosto desse ano, insistiu na candidatura de Borges da Fonseca a deputado, aclamando-o, em matéria do dia 2 “Herói do Século XIX”, e no do dia 5 de setembro de 1858 homenageia “O ilustre e distinto patriota o Sr. Antonio Borges da Fonseca, ou a coroa de seus martírios” que formava-se na Alemanha.³⁴

Desses dois republicanos históricos já destacados, cabe-nos apresentar a trajetória de Romualdo Alves de Oliveira, outro amigo também de Borges.³⁵ Nascido na cidade Goiana em 1825, atual estado de Pernambuco, um ano após a primeira Constituição

³⁰ MOREL, Marco. *Da Gazeta tradicional aos jornais de opinião: metamorfoses da imprensa periódica no Brasil*. In: Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves. (Org.). Livros e impressos. *Retratos do setecentos e do oitocentos*. 1ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009, v. 1, p. 153-184.

³¹ NASCIMENTO, Luiz. Op.cit. Vol. 5. pp. 61-65.

³² *O Povo*, 11 de jan, 1856; O periódico inicia a série do seu segundo ano de existência com o nº 63.

³³ *O Povo*, 11 jan. 1856, p. 2; *O Povo*, 21 abr. 1856, p.1.

³⁴ *O Povo*, 5 set, 1858, p.2

³⁵ Romualdo A. de Oliveira foi amigo desse republicano histórico. Na década de 1850, editou e chefiou a tipografia do *Bravo do Povo*. Este jornal de quatro páginas, publicado irregularmente durante três anos, teve a colaboração do jornalista Borges da Fonseca. Nos diversos jornais que redigiu, publicou referenciados a essa legenda viva do republicanismo. A trajetória desses republicanos merece uma apreciação mais pormenorizada em pesquisas futuras, pois ambos estabeleceram amizade até a morte de Borges. Tal amizade está circunscrita na convergência de suas ideias e da militância em passeatas de ruas, advocacia, como de suas prisões nas províncias.

Brasileira, esse republicano de renome atravessou o século XIX vindo a falecer na cidade do Rio de Janeiro em 1895. Chefiou vários jornais em sua tipografia, criando mais de nove jornais, escreveu cinco livros, ainda organizou sociedades emancipacionistas, chegando a advogar pela causa dos mais pobres enquanto representante do povo pela titulação de advogado – que hoje chamamos de “rábula” - este título foi concedido pelo Tribunal da Relação de Pernambuco.³⁶

Jornalistas republicanos, nesse cenário, tomaram a imprensa para denunciar esse processo interpretação da lei, dadas as políticas graduais de abolição da escravidão em pauta. Isso demonstra o quanto esse tema foi uma das reivindicações políticas sustentadas por grupos de republicanos letrados no mundo a imprensa pernambucana. Alguns deles chegavam a apresentar medidas radicais em relação ao sistema escravista. O jornalista pernambucano, natural da cidade de Goiânia Romualdo Alves de Oliveira, foi incisivo quanto ao tema da instauração dessa nova lei, pois conforme sua publicação no jornal *O Liberal*, apontava aos leitores que era necessário que “condenassem aquela aberração de que a escravidão está na lei natural”.³⁷

Nessa carreira foi reconhecido, pois conquistou absolvição de dezenas cidadãos livres e escravizados, ou, caso não tivesse êxito na defesa dos réus, conseguia amenizar suas sentenças. Romualdo Alves é também um republicano histórico³⁸ que fez parte de um grupo de jornalistas que propagaram o ideal republicano por meio da instrução via jornais republicanos. Contudo, seu protagonismo além de disseminar os ideários republicanos nesta região, discutiu propostas políticas e sociais que passaram de largo das

³⁶ Por conseguinte, Romualdo A. de Oliveira foi rábula. Da literatura sobre este publicista no mundo da imprensa ou de sua carreira na advocacia são poucos os dados referentes à atuação do goianense. Por conseguinte, pelo que nos consta no decorrer de sua vida foi reconhecido nos ofícios que exerceu. Como advogado, foi grande orador nos tribunais do júri, pois defendeu centenas de processos de homens livres, pobres e escravizados na sociedade oitocentista. Destarte, o trabalho de Paulo Cavalcanti, no seu livro *Eça de Queiroz, agitador no Brasil* faz apreciação da movimentação política e social dos direitos das mulheres que foi gerada na imprensa pernambucana em torno da subvenção solicitada por Romualdo para sua filha Josefa Águeda Felisbela Mercedes de Oliveira estudar medicina na Suíça ou nos Estados Unidos. Tal debate mobilizou a cidade, em suma, as galerias da Câmara dos Deputados do Recife, nos finais da década de 1870 e início de 1880. Para mais informações, ver: GUIMARÃES, Mário V. *Josefa Águeda, uma heroína de Tejucupapo*. Recife, janeiro/2010. Ver especialmente capítulo VII e IX (CAVALCANTI, op. cit., 2009. pp. 116-162).

³⁷ *O Liberal*, 19 out. 1871, p. 1

³⁸ BLAKE, Sacramento. Op. cit. 1895, v. 7. p. 153.

concretizações do movimento da Revolta da Praieira. Se a Praieira não triunfou, em contrapartida os princípios delas permaneceriam vívidos nas penas desses republicanos. A ligação desses indivíduos com Borges da Fonseca é indicativa dessa rede de ideias compartilhadas que tinham como ponto de convergência a imprensa.

Considerações Finais

Percorrer trajetórias como as de Romualdo Alves de Oliveira, Luiz Ciriaco da Silva e Barros de Falcão Albuquerque, contudo nos oferece caminhos possíveis para compreendermos as múltiplas trajetórias de jornalistas que encamparam o movimento republicano no Recife oitocentista, antes mesmo da geração de 1870. Antes da geração mencionada, enfatizamos a importância das produções periódicas de Romualdo que mobilizou em suas folhas e nas manifestações públicas que atuou nas ruas da cidade, debate emancipacionista e abolicionista, apontando, inclusive para fim da escravidão em vários jornais da cidade.

Destacar as publicações em que se posicionou favorável a medidas emancipacionistas e pela conclusão total da abolição da escravatura, mirando-o tal proposta em perspectiva transatlântica tal como a abolição americana e as hispano-americanas. Entre 1850 a meados de 1870 os jornais desenvolvidos por Romualdo A. Oliveira, denota quão importante esse republicano representa para sua época, tanto na província de origem, como na corte do Rio de Janeiro e Minas Gerais.³⁹

Como já afirmado no início desse trabalho, a pesquisa ainda se encontra no processo de investigação, diante do qual pretendemos ainda mergulhar a fundo na trajetória do republicano abolicionista Romualdo Alves de Oliveira que no decorrer de sua trajetória por mais que fosse excluído por advogar o regime de republicano, defendia abertamente seu posicionamento voltados a federalismo pautado pelo viés da democracia. Por sua vez, ainda advogou como rábula em diversos processos crimes e civis, contribuindo de maneira significativa na abertura de processos de liberdades de escravizados pernambucanos.⁴⁰ O que esse indivíduo nos mostra é que diante de uma

³⁹ Na base de dados da Hemeroteca Digital o acesso a sua plataforma permitiu levantarmos vários jornais na cidade do Rio de Janeiro que receberam artigos desse publicista. Pelo que nos consta os principais são: *Diário do Rio de Janeiro*, *A Pátria*, *Jornal do Comércio*, *Diário de Notícias* (RJ), *Gazeta de Notícias* e *Gazeta da Tarde*.

⁴⁰ Cod. de referência. BR PEMJ TRPE-PCR-HC-1879.03.09. Memorial da Justiça. Pernambuco.

sociedade governada por regime monárquico constitucional muitas brechas foram construídas por grupos de republicanos em diversas províncias brasileiras.

A atuação de Romualdo nos prova que seu republicanismo desenvolveu uma série de críticas contrárias ao regime monárquico, para além dela interagiu e participou de múltiplas redes associativistas, sociedades essas que não impediu o mesmo em se articular sua ideologia republicana aliada ao antiescravismo, defendendo-a seu fim abertamente na opinião pública e nas manifestações de rua da cidade do Recife, antes mesmo, das últimas décadas da abolição. Sua peripécias pelo mundo da imprensa são várias e instigantes para qualquer historiador(a), porém essa história é para um outro próximo trabalho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Fontes primárias:

A Voz do Brasil
A Revolução de Novembro
A Tesoura
A República
A Marqueza do Linguarudo
A Mãe do Linguarudo
A Duqueza do Linguarudo
A Princesa Linguaruda
A Formiga
O Apóstolo do Norte
O Federalista
O Despertador Commercial do Norte
O Artista Pernambucano
O Brado da Miséria
O Brado do Povo
O Brasileiro - Periódico Republicano
O Povo
O Liberal
O Democrata Pernambucano
O Kossuth
Constitucional: jornal político e literário
Diário de Pernambuco
Outeiro Democrático

Artigos e livros:

BASILE, Marcelo. *Luzes a quem está nas trevas: a linguagem política radical nos primórdios do Império*. Topoi, Rio de Janeiro, set. 2001.

SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino Alves. Dicionário Bibliográfico Brasileiro. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1902.

CARVALHO, José Murilo. *Nação e Cidadania no Império: Novos horizontes*. (Org.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____. “Repensando o Brasil do Oitocentos: cidadania, política e liberdade”. (Org.) Carvalho, José Murilo de; Bastos, Lúcia Maria P. das Neves. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

_____. CARVALHO, José Murilo. et all. (Org.). *Introdução. Às Armas Cidadãos. Panfletos Manuscritos na Independência do Brasil (1820-1823)*. São Paulo: Cia das Letras; Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012.

CARVALHO, M. J. M. *Liberdade: Rotinas e Rupturas do Escravismo, Recife 1822-1850* (Primeira Ed. 1998. Reimpressão: 2002 e 2008). 2. ed. Recife: Editora Universitária-UFPE, 1998.

_____. “O outro lado da Independência: Quilombolas, negros e pardos em Pernambuco (1817-1823)”. *Luso-Brazilian Review*, v. 43, n.1, 2006.

_____. CARVALHO, J. M. Marcus. “A Insurreição Praieira”. *Almanack braziliense*. n°08. nov. 2008.

CÂMARA, Bruno Augusto Dornelas. O “retalho” do comércio: a política partidária, a comunidade portuguesa e a nacionalização do comércio a retalho, Pernambuco 1830-1870. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Programa de Pós-Graduação em História, 2012.

CAVANI, Suzana. *Ação, Reação e Transação: a sociedade liberal pernambucana (1851-1852)*. Clio Histórica, n. 17. 1998.

CALVACANTI, Paulo. *Eça de Queiroz, agitador no Brasil*. 1ª ed. Brasiliense 311, Companhia Editora Nacional, São Paulo, 1959.

CHACON, Vamireh. *História das ideias socialistas no Brasil*. 2º Ed., Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1981.

FONSECA, Silvia Carla Pereira de Brito. *A idéia de República no Império do Brasil: Rio de Janeiro e Pernambuco (1824-1834)*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004 (História, Tese de doutorado).

_____. A linguagem republicana em Pernambuco (1824-1835). In: *Vária História*, Belo Horizonte, vol. 27, n° 45, jan/jun, 2011.

_____. *Os Républicos de Antônio Borges da Fonseca: discursos inflamados e moderados sobre a política imperial (1830-1832)*. In: I Seminário Internacional 'Brasil no século XIX' da Sociedade Brasileira de Estudos do Oitocentos, 2014.

HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguês*. Tradução de Flávio R. Kothe. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

MOREL, Marco. *Da Gazeta tradicional aos jornais de opinião: metamorfoses da imprensa periódica no Brasil*. In: Lúcia Maria Bastos Pereira das Neves. (Org.). *Livros e impressos. Retratos do setecentos e do oitocentos*. 1ed. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.

Muaze, Mariana A. F. *As partes e o todo: uma leitura de 'Nostalgia Imperial'*. Almanack. Guarulhos, n.07, 1º semestre de 2014.

NASCIMENTO, Luiz do. *História da imprensa em Pernambuco (1821-1954)*. Universidade Federal de Pernambuco: Imprensa Universitária, 1966.

PORTA, Frederico. *Dicionário de Artes Gráficas*. Rio de Janeiro; Porto Alegre; São Paulo: Globo, 1958.

SALLES, Ricardo. *Nostalgia Imperial: escravidão e formação da identidade nacional no Brasil do Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Editora Ponteio, 2013.

SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloísa M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.